

## 5.1 Roteiros

### CONTO: O menino de água

Roteiro de orientação ao professor – indicado para alunos do Ensino Médio.

**Autora**

Ingrid Teixeira da Silveira

#### O menino de água<sup>1</sup>

O menino nadou para depois de uma onda grande e não voltou. A mãe estendeu as mãos na água buscando o seu corpo diluído. Julgava ela que o filho se diluíra como um cubo de açúcar incapaz de adocicar o mar. Jurou que o buscaria sempre. Haveria de o reconhecer nem que ele se tornasse ínfimo. Saberá dele escondido na mais insignificante gota de água. Jurava. Se o seu menino estivesse por perto, ela nunca o ignoraria.

Nadou ao fim do mar, à boca dos tubarões, dentro do vazio das baleias, sob as barrigas cegas dos barcos, no pensamento dos peixes e nas suas costas, entre as areias, atrás das pedras e debaixo. Buscou na cintilação quando a luz entrava água adentro fazendo de tudo um cristal gigante, podia ser que o filho fosse agora uma estrela e só soubesse brilhar. A mãe olhava o brilho como se o brilho a estivesse também a observar. Esperava e, de todo o modo, ficaria para sempre a esperar.

Nunca secava o corpo porque a água era agora o seu menino. Molhava-se, estendia as mãos em redor como radares aflitos por um abraço e imaginava que a criança fazia as ondas. Talvez as ondas fossem um modo de falar.

E ela ondulava. Sentia as marés como a respiração do mundo a caminho. Sentia que o tempo todo era deslocação e viagem. Era como sabia que a demora lhe criava uma distância insuportável, como se o planeta inteiro fosse constantemente para outro lugar. Como se o planeta inteiro estivesse a ir embora e ela precisasse de agir com urgência.

Ela também achava que o seu corpo a secar era uma partida contínua do filho. Quando sentia a roupa e a pele seca, dizia: partiu. Como se o filho levantasse do colo. De dormir no seu peito, como era costume. O menino evaporava talvez para observar as coisas desde as nuvens. A mãe ficava sozinha. Fechava-se em casa a recordar.

Pensava que o corpo do mar era o corpo do filho, sem distinção. O amargo do sal nunca a enganaria perante a falta dos beijos, a nostalgia dos beijos e a delicadeza da sua criança. Ela nadava dentro do filho. Era por causa disso que se estendia e só então acalmava.

Uma vez, a mãe encheu de água um enorme jarro que levou para casa sem entornar. Fitou-o perplexa. Resplandecia na luz da tarde igual a uma lâmpada líquida ou a uma estrela guardada. Cuidadosamente, abraçou o jarro e longamente o acarinhou. Era então um lugar do seu filho. Depois, a mãe afundou um soldadinho para que a água pudesse brincar. Ela disse: brinca, filho. A água aquietou-se. Talvez o menino apenas brilhasse para brincar.

A cada dia, assim repetiu até que a casa inteira fosse o mar. Um mar em vidros puros, transparentes, através dos quais ela o vigiava e expunha ao sol. Afundava lobos e carrinhos de corrida, super-heróis e dinossauros. Flutuava neles barquinhos de papel e afundava mais soldadinhos. Um exército de brinquedos que, na transparência dos vidros, também esperava. E a mãe perscrutava o bulício das águas ou a maior cintilação para saber se o seu menino estava a comunicar.

<sup>1</sup> MÃE, Valter Hugo. Contos de cães e maus lobos. Ed.: Porto Editora, 2015.

Circulava igualmente aquática, bailarina cautelosa, por entre os vidros sagrados, e eles evaporavam lentamente como se, lentamente, sem que o percebesse ou confessasse, a mãe se vingasse ao matar o mar. Haveria de o ver evaporar jarro a jarro, o tamanho de um menino pequeno, até ao infinito. Amaria e culparia o mar até ao infinito.

## RECEPÇÃO DO TEXTO

### ATIVIDADE 1: Conhecendo o assunto

**a)** Exibir o vídeo (ou ao menos o áudio) que transmite o som das ondas do mar e está disponível na plataforma digital do YouTube, intitulado *Som relaxante das Ondas do Mar (com imagens reais) para você relaxar e dormir profundamente*<sup>2</sup>. Empregá-lo como influenciador do sentido sensorial do som e/ou visual em sala de aula.

**b)** Peça para cada aluno trazer, na aula em que será trabalhado o conto, uma jarra ou qualquer objeto que possa conter água. Enchê-los com água é opcional. Dispor os alunos em um círculo, se possível com as mesas também, para que os objetos fiquem visíveis e eles se sintam integrados à história.

**c)** Com o som e/ou as imagens do mar, peça que façam uma lista, em forma de tópicos, de como eles acreditam que seja o mar. Se é perigoso ou não, o que pode acontecer no mar. Se eles gostam, se já foram à praia, entre outros aspectos que podem surgir com este assunto, para suscitar o debate. As palavras que surgirem podem ser escritas no quadro, ou ainda, colocadas nas jarras sugeridas anteriormente e depois lidas.

### #FICAADICA

Professor, após os alunos assistirem ao vídeo e completarem a lista de tópicos, realize um debate sobre o assunto, porque a interação, em sala de aula, é uma das ferramentas para melhorar o aprendizado e conquistar a atenção dos alunos.

Por serem alunos de Ensino Médio, espera-se que eles tenham conhecimento do que acontece com relação aos acidentes por afogamento no mar com crianças, assim, deverá instigá-los a participar de forma ativa do debate.

**Entregue o texto somente após o debate, pois as atividades seguintes trabalharão com o despertar dos sentimentos.**

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qTQ15OzEV1s>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

## SINTETIZAÇÃO DO TEXTO

### Atividade 2: Ouvindo e sintetizando o conto

#### #FICAADICA

Professor, após a realização das atividades iniciais, esclareça possíveis dúvidas sobre vocabulário ou significação de expressões e, depois, introduza as atividades de compreensão leitora do conto.

a) Escreva um parágrafo, mencionando o trecho do texto que você achou mais marcante e justifique sua resposta.

---

---

---

---

b) Sintetize o conto em dez palavras-chave e compare-as com as palavras que foram escritas no quadro no momento do debate.

---

---

---

---

## COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

### ATIVIDADE 3: Desvendando o texto

1. Quanto ao narrador. A história é narrada em:

( ) 1ª pessoa.

( ) 3ª pessoa.

2. No conto *O menino de água*, quem narra a história é o narrador observador ou o narrador personagem? Explique com trecho(s) da narrativa.

---

---

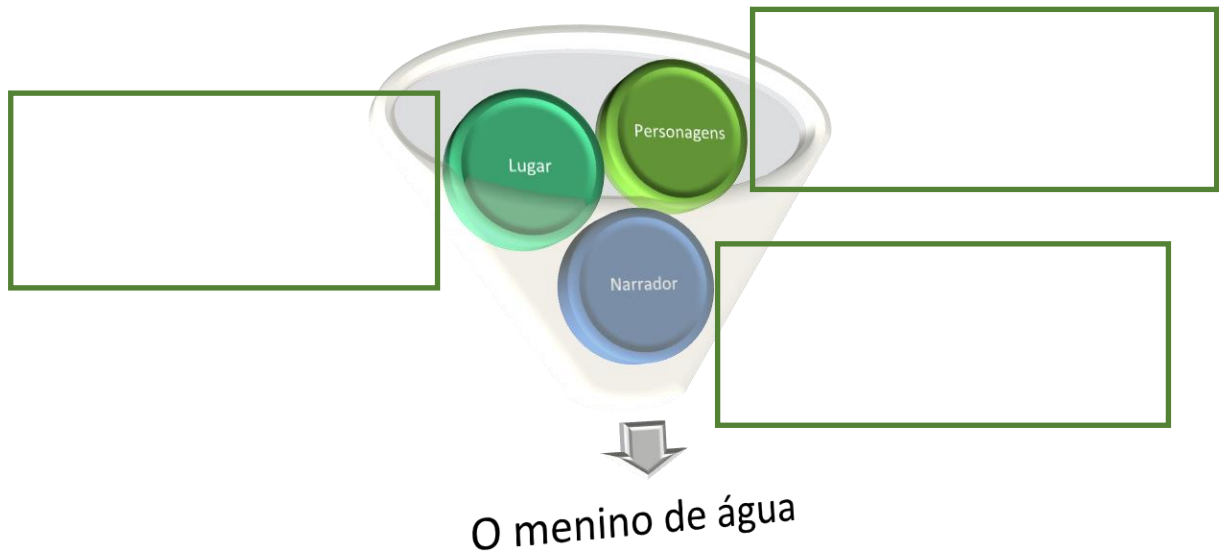
---

---

3. Complete o organograma com informações do conto.

#### #FICAADICA

Professor, após o debate inicial, entregue uma cópia do conto para cada aluno e solicite a leitura silenciosa e *a posteriori*, leia o conto em voz alta ou peça a alguns alunos que o leiam. Questione os alunos sobre os pontos essenciais do texto e destaque os fatos/acometimentos mencionados no debate que se concretizaram no conto.



4. Relacione as colunas de acordo com a significância das palavras no texto.

- |                    |                   |
|--------------------|-------------------|
| ( 1 ) diluído      | ( ) dolorosa      |
| ( 2 ) perplexa     | ( ) dissolvido    |
| ( 3 ) insuportável | ( ) muito pequeno |
| ( 4 ) ínfimo       | ( ) agitação      |
| ( 5 ) bulício      | ( ) pasma         |

5. Assinale o elemento da natureza que dá sentido ao enredo do conto.

- ( ) Água
- ( ) Mar
- ( ) Sol
- ( ) Vento
- ( ) Árvore

6. Numere as frases conforme a ordem cronológica em que aparecem no conto:

- ( ) Molhava-se, estendia as mãos em redor como radares aflitos por um abraço e imaginava que a criança fazia as ondas.
- ( ) Talvez o menino apenas brilhasse para brincar.
- ( ) Nunca secava o corpo porque a água era agora o seu menino.
- ( ) Cuidadosamente, abraçou o jarro e longamente o acarinhou.
- ( ) O menino evaporava talvez para observar as coisas desde as nuvens.
- ( ) Amaria e culparia o mar até ao infinito.
- ( ) Jurou que o buscaria sempre.
- ( ) O menino nadou para depois de uma onda grande e não voltou.

7. Segundo o narrador, quais as atividades que a mãe do menino realizava, com o intuito de sentir a presença dele? Podem ser marcadas mais de uma alternativa.

- a.) ( ) Olhava o brilho das estrelas.
- b.) ( ) Secava o seu corpo.
- c.) ( ) Bebia água salgada.
- d.) ( ) Enchia jarros com a água do chuveiro.
- e.) ( ) Flutuava barquinho de papel dentro de jarros com água.

8. Discuta com seu colega ao lado o porquê de a mãe não gostar da ideia de ficar seca. Depois compartilhe oralmente com o grupo.

9. No conto, o narrador descreve o mar e cria metáforas a respeito dele e dos sentimentos da mãe. Juntamente com seu colega, aponte-as escrevendo no quadro abaixo.

_____
_____
_____
_____



10. Observe a imagem<sup>3</sup> do menino sírio que morreu afogado na Turquia, ao lado. Você consegue relacionar a imagem com o conto *O menino de água*? Explique. \_\_\_\_\_

_____
_____

11. Qual é a reação da mãe ao perceber que o seu menino não voltará mais do mar?

- a.) ( ) Desespero.
- b.) ( ) Resignação.
- c.) ( ) Submissão.
- d.) ( ) Resiliência.

12. Por que o narrador relata que o corpo diluído do menino era semelhante ao cubo de açúcar, mas que não adoçaria todo o mar?

_____
_____
_____
_____

<sup>3</sup>Imagem disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/menino-sirio-que-morreu-afogado-na-turquia-e-enterrado-em-kobane.html>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

13. Qual a relação estabelecida entre a criança e a mãe?

---

---

---

#### ATIVIDADE 4: Os recursos de construção do conto

14. No trecho “[...] até que a casa inteira fosse o mar. Um mar em vidros puros, transparentes, através dos quais ela o vigiava e expunha ao sol. Afundava lobos e carrinhos de corrida, super-heróis e dinossauros. Flutuava neles barquinhos de papel e afundava mais soldadinhos. Um exército de brinquedos que, na transparência dos vidros, também esperava”, qual era a ideia da mãe ao colocar os brinquedinhos nos jarros de água? O que ele quis dizer com “até que a casa inteira fosse o mar”?

---

---

---

---

#### #FICAADICA

Professor, suscite a percepção do aluno e questione se há como ter a real dimensão de como a sala de aula ficaria, caso enchêssemos os nossos jarros com água, assim como a mãe do menino decidiu fazer com a sua casa.

#### ATIVIDADE 5: Ampliando os saberes...

15. Debate com os alunos permeados pelas seguintes perguntas:

- O que você pensa sobre a morte?
- O que você acha que acontece com as pessoas após a morte?
- Você acha que deveríamos ser imortais? Por quê?

Após, dividir a turma em grupos e solicitar que cada grupo pesquise sobre um tipo de morte na adolescência e compartilhe a leitura com os demais colegas.

#### #FICAADICA

Professor, o objetivo é saber a opinião geral dos alunos. Logo, permita que eles expressem a sua opinião, com vistas a promover uma melhor compreensão sobre essa questão, tão presente na vida de cada um.

16. Após, assistir com a turma ao filme “Um olhar do paraíso”.

**Sinopse:** Susie Salmon está voltando para casa quando é assassinada por George Harvey, um vizinho que mora sozinho. Os pais de Susie, Jack e Abigail, inicialmente se recusam a acreditar na morte da filha. Em meio às investigações, a polícia conversa com George, mas não o coloca entre os suspeitos, mas a família passa a desconfiar dele. Susie, que agora está em um local entre o paraíso e o inferno, observa a situação e lida com o sentimento de vingança e a vontade de ajudar sua família a superar sua morte.<sup>4</sup>

Terminada a exibição do filme, reúna os alunos e dialogue com eles sobre as questões apresentadas:

- O que significa viver com a morte da filha?
- O que você faria no lugar de Susie?

17. Dividir novamente a turma em grupos e distribuir assuntos relacionados às estatísticas de crimes que culminam em morte na adolescência.

Violência disciplinar

Violência doméstica

Violência na escola (bullying)

Violência sexual

Violência virtual

Suicídio

Cada grupo terá 20 minutos para apresentar este material aos demais colegas da melhor forma, com imagens, vídeos, músicas, enfim, a critério de cada grupo.

Cada grupo imprimirá encartes em número suficiente para distribuir a todos os alunos da escola. Não sendo possível, serão auxiliados a organizarem uma exposição dos encartes de jornais em murais distribuídos pela escola.

#FICAADICA

Professor, sugira que os alunos tragam estatísticas, métodos de prevenção. Podendo indicar que visitem o site <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34784&Itemid=432](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432)> que traz o Atlas da Violência 2019.

#FICAADICA

Professor, após as questões sobre morte avalie se aplicará o restante do roteiro.

4

Disponível

em:

<[https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=gKqkXJ\\_EA6zA5OUP5cyg0Al&q=Sinopse+um+olhar+do+para%C3%ADso&btnK=Pesquisa+Google&oq=Sinopse+um+olhar+do+para%C3%ADso&gs\\_l=psy-ab.3..0.6438.11047..11289...0.0..0.554.8896.0j5j9j7j3j4.....0....1..gws-wiz.....0..35i39j0i131j0i22i30.-YwrVR72Fkl](https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=gKqkXJ_EA6zA5OUP5cyg0Al&q=Sinopse+um+olhar+do+para%C3%ADso&btnK=Pesquisa+Google&oq=Sinopse+um+olhar+do+para%C3%ADso&gs_l=psy-ab.3..0.6438.11047..11289...0.0..0.554.8896.0j5j9j7j3j4.....0....1..gws-wiz.....0..35i39j0i131j0i22i30.-YwrVR72Fkl)>. Acesso em: 03 mar 2019.

“O menino nadou para depois de uma onda grande e não voltou. A mãe estendeu as mãos na água buscando o seu corpo diluído. Julgava ela que o filho se diluía como um cubo de açúcar incapaz de adocicar o mar. Jurou que o buscaria sempre. Haveria de o reconhecer nem que ele se tornasse ínfimo. Saberá dele escondido na mais insignificante gota de água. Jurava. Se o seu menino estivesse por perto, ela nunca o ignoraria.”

**18.** A partir da leitura do conto e, principalmente, do trecho destacado acima e de seus argumentos sobre o tema, elabore um bilhete ou carta de consolo para a mãe do menino de água.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### ATIVIDADE CRÍTICA DA NARRATIVA

“Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado.” (FIORUSSI, André. In: MACHADO, Antônio de Alcântara *et al.* **De conto em conto**. São Paulo; Ática, 2003. p. 103).

**a)** Explique a frase “Um conto é uma narrativa curta”, de acordo com as características do gênero conto.

---

---

---

---

---

---

---

---

**b)** O que o autor quis dizer com “cada adjetivo é insubstituível”? Explique.

---

---

---

---



c) Converse com seus pais, avós ou familiares sobre histórias de suas vivências. Depois, avalie as que poderiam ser transformadas em um conto. Selecione uma história e compartilhe oralmente com os colegas.

d) Arrisque-se no mundo mágico da construção do texto, transforme a história compartilhada com os colegas em um conto. Lembre-se de ser bem criativo!

### #FICAADICA

Professor, a abordagem interdisciplinar só acontece quando os conteúdos das disciplinas se relacionam para a ampla compreensão de um tema estudado. Assim, procure colegas das outras áreas e discuta a proposta, peça sugestões e amplie o roteiro com base nas observações propostas.

## CONVERSANDO SOBRE O MAR

Leia as letras das músicas e escute as canções.

### Eu sou do mar Armandinho

Não adianta eu sou do mar  
Nasci pra ter na pele o seu sol  
Não adianta eu sou do mar  
É ele que me faz cantar

Só entre no mar se você  
Sabe a força divina que ele tem  
Se você não polui seu azul  
E respeita o irmão em comum

Leva a mãe natureza na fé  
Curte o marley e o reggae no pé  
Sai da praia com o lixo na mão  
O futuro é a preservação

Não adianta eu sou do mar  
Nasci pra ter na pele o seu sol  
Não adianta eu sou do mar  
É ele que me faz cantar

Mil poesias de amor pra você  
Mil poesias de amor

Ó imensidão azul  
Ó vasto mar sem fim  
Vim pra mergulhar em ti  
Para encontrar a mim

Útero de todos nós  
É força vívida  
Pra filhos, netos, pais e avós  
É vida límpida

Lúdico, mágico, fôlego, bálsamo  
líquido  
Pra todo veneno da mente o mar é  
antídoto  
Pacífico, atlântico, antártico, índico,  
único  
Pássaros, peixes e homens de novo  
em uníssono

Angústia e mágoa se dissolvem na  
água  
Em pé numa onda, a vida é redonda  
Vai de itamambuca a cacimba, em  
pipa ou arraial  
Leme, joatinga, regência com um  
metrão terral

Na guarda, na brava, no rosa, em  
jericoacoara  
Barra grande, maresias, shore de  
itacoatiara  
Fim de tarde entre amigos pra refletir  
ou pra surfar  
Em qualquer lugar, não adianta eu sou  
do mar

Não adianta eu sou do mar  
Nasci pra ter na pele o seu sol  
Não adianta eu sou do mar  
É ele que me faz cantar

Mas eu boto fé na nova geração  
Que chega no pico com educação  
Só vai na que sobra, só vai na moral

**O Mar**  
**Dorival Caymmi**

O mar quando quebra na praia  
É bonito, é bonito

O mar... pescador quando sai  
Nunca sabe se volta, nem sabe se fica  
Quanta gente perdeu seus maridos  
seus filhos  
Nas ondas do mar

O mar quando quebra na praia  
É bonito, é bonito

Pedro vivia da pesca  
Saia no barco  
Seis horas da tarde  
Só vinha na hora do sol raiá

Todos gostavam de Pedro  
E mais do que todas  
Rosinha de Chica  
A mais bonitinha

Sempre respeitando o local

Faz a mente na brisa quem quer  
Mas eu acho melhor dar um rolé  
Nossa praia é a nossa canção  
Que bom encontrar meus irmãos

Ôôôô

Não adianta eu sou do mar  
Nasci pra ter na pele o seu sol  
Não adianta eu sou do mar  
É ele que me faz cantar

É ele que me faz cantar  
É ele que me faz cantar  
É ele que me faz cantar

E mais bem feitinha  
De todas as mocinha lá do arraiá

Pedro saiu no seu barco  
Seis horas da tarde  
Passou toda a noite  
Não veio na hora do sol raiá  
Deram com o corpo de Pedro  
Jogado na praia  
Roído de peixe  
Sem barco sem nada  
Num canto bem longe lá do arraiá

Pobre Rosinha de Chica  
Que era bonita  
Agora parece  
Que endoideceu  
Vive na beira da praia  
Olhando pras ondas  
Andando rondando  
Dizendo baixinho  
Morreu, morreu, morreu, oh...

O mar quando quebra na praia

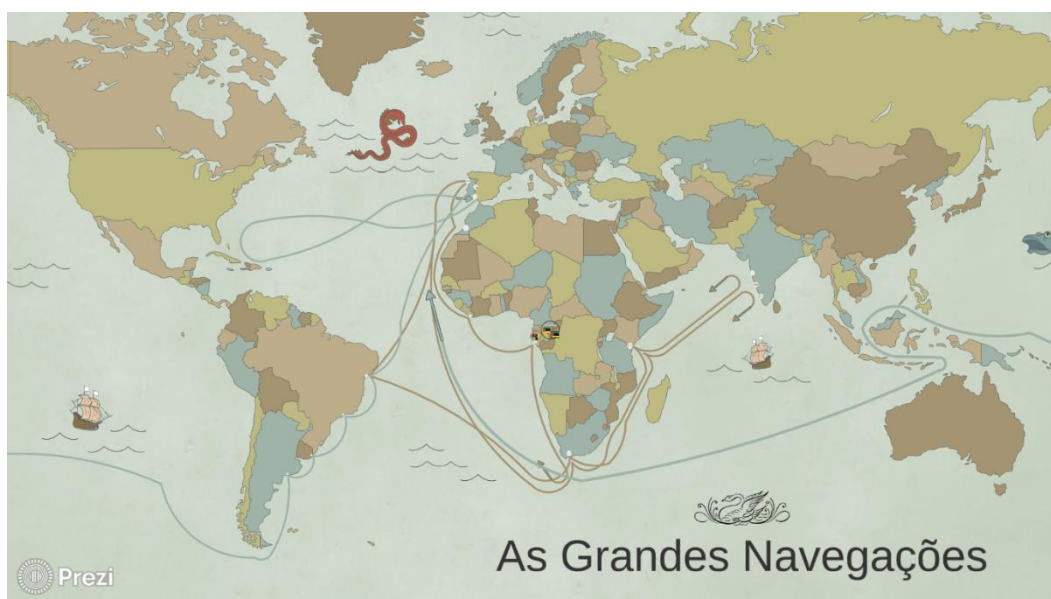
Professor, suscitar o debate a a  
partir da escuta da música ou  
do clipe musical.

1. Em duplas, analisem as letras das músicas e conversem sobre como cada sujeito poético se relaciona com o mar. Registrem suas ideias no quadro abaixo.

Eu sou do mar Armandinho	O Mar Dorival Caymmi

2. O mar tem profunda importância para Portugal e para a construção de nosso país e de todas as colônias portuguesas no mundo. Faremos uma viagem junto com os portugueses aos seus descobrimentos através da apresentação do Prezi a seguir. Apresentação disponível no link:

<[http://prezi.com/\\_nggclnrjfb/?utm\\_campaign=share&utm\\_medium=copy](http://prezi.com/_nggclnrjfb/?utm_campaign=share&utm_medium=copy)>.



Enfatizar que saíram de Lisboa com destino à Índia, porém em 22 de abril de 1500 avistaram o Monte Pascoal no Prado, na Bahia.

Professor, aqui, os alunos devem perceber que o autor do conto é de Angola, país colonizado por Portugal.

3. Mostrar em que lugar do mapa do Brasil o Estado da Bahia se localiza e demais imagens, como estas:

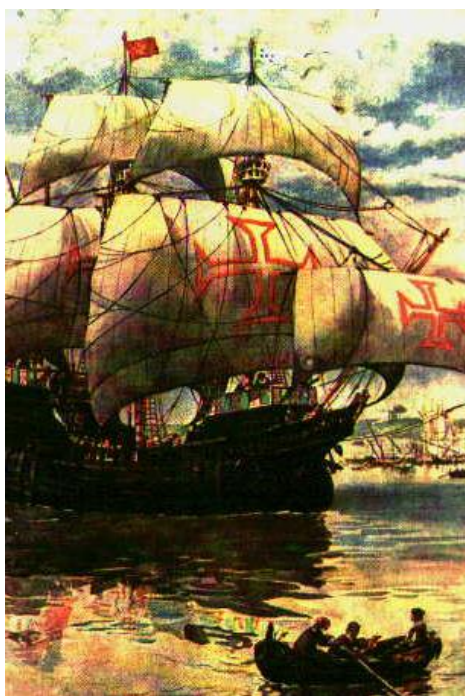


[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-SA](#)



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC](#)

4. Chamar a atenção para o fato de os portugueses terem feito essas navegações utilizando caravelas simples para a nossa época. Mostrar imagens por meio de impressões ou vídeos, como o que consta nesse link: <<https://www.youtube.com/watch?v=ETrV3I-ILwA>>. Causar a percepção de que para tal fim, houve muito sofrimento.



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-SA-NC](#)

Professor, essa atividade pode ser realizada também em plataformas digitais; por meio de vídeo ou texto; ou ainda em mídias sociais.

Os alunos farão uma espécie de jornal mural, intitulado como “As grandes navegações” em que irão redigir textos e criar imagens (que podem ser desenhadas, retiradas de livros, jornais, revistas, Internet). As reportagens deverão versar sobre as viagens e as descobertas realizadas pelos navegadores e exploradores portugueses. Após a confecção do jornal, este será fixado em local apropriado na escola para que outros alunos possam ter acesso.

Após as aulas, os alunos serão capazes de compreender os principais motivos que levaram espanhóis e, principalmente, portugueses a partirem para além-mar.

**5.** Leitura do poema de Fernando Pessoa Mar Português e responda às questões a seguir:

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor,  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

**a.)** Como podemos interpretar os seguintes versos do poema: “Ó mar salgado, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal!”?

---

---

---

---

**b.)** O que significa dizer “Quem quer passar além do Bojador/Tem que passar além da dor”? Para responder à pergunta, pesquise na Internet sobre o que é o Bojador.

---

---

---

---

6. Vamos conhecer a música *O mar* da banda portuguesa Madredeus, disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=0e0P9iTAhcM>>.

**O Mar  
Madrdeus**

Não é nenhum poema  
O que vos vou dizer  
Nem sei se vale a pena  
Tentar-vos descrever

O mar, o mar  
E eu aqui fui ficando  
Só para o poder ver  
E fui envelhecendo  
Sem nunca o perceber  
O mar, o mar

**#FICAADICA**

Pode ser solicitado que os alunos pesquisem sobre a banda antes de, oralmente, discutir sobre como o mar é visto pelo sujeito poético, bem como se há semelhanças entre as músicas dos portugueses e dos brasileiros.

## ROTEIRO DE LEITURA

Conto: O rosto

Roteiro de orientação para o professor – indicado para alunos do Ensino Médio.

MÃE, Valter Hugo. **Contos de cães e maus lobos**. Ed.: Porto Editora, 2015.

**Autora**

Ingrid Teixeira da Silveira

### O rosto<sup>5</sup>

Durante muitos anos, vivemos sozinhos no cimo de um monte onde apenas estava a nossa casa, doze árvores e muitos pássaros. Tínhamos um cão e ele gostava de ladrar só de estar feliz, ou então era um bocado maluco, porque ladrava sem motivo enquanto fazíamos o nosso trabalho.

Durante muitos anos, eu, a minha mãe e o meu pai vivemos nessa casa no cimo de um monte mais ou menos afiado que custava subir e descer. Explicaram-me que a nossa tarefa era ver ao longe, e eu via ao longe sem saber o que esperar e esperava que um dia pudesse entender melhor porque tínhamos de o fazer.

Víamos distante uma estrada muito estreita que serpenteava nos montes vizinhos, aparecendo num lugar e depois desaparecendo, surgindo mais adiante como vindo à tona do verde intenso da vegetação. Um oceano de ramagens. Víamos como passavam uns poucos carros, tão de vez em quando, e como havia gado que os pastores enfileiravam por ali para chegarem aos pastos a engordar de erva.

Os montes vizinhos eram mais cobertos do que o nosso, que parecia careca, assim sem cabelo por ter apenas doze árvores. Estava a nossa casa ali pousada, na careca do monte, como um pequeno chapéu. Eu até imaginava que o nosso monte, ali abaixo de onde estávamos, teria uns olhos e uma boca para ser uma cabeça toda catita a fazer o mesmo que fazíamos nós, ver ao longe.

Víamos como chegava o sol e depois como partia. Como fazia para se erguer de um lado, ali arregaçado de entre o fundo distante da pedreira, e como seguia o dia inteiro para se ir meter quase pelo riacho adentro. No verão, o sol acertava sempre no riacho, parecia até que se ia refrescar.

Eu pensava se estaríamos ali para tomar conta do sol. Para saber se ele fazia o seu caminho sem se enganar ou sem cair mais depressa do que o devido. Perguntava se estaríamos ali para tomar conta do tempo, para que não fosse mais pequeno nem fosse maior do que devia.

Em certas alturas, eu, a minha mãe e o meu pai sentávamo-nos lado a lado a trabalhar nisso de ver o longe. Todos os três observávamos como estavam as paisagens calmas e como se ouvia o silvo pequeno do vento e o marulhar das folhas. Conversávamos devagar, por não ser importante fazer as coisas à pressa nem falar.

Os três sentados na atenção serena que prestávamos, e o meu pai podia cantar uma canção, de vez em quando, porque o declive do monte parecia pôr-se de caminho para o som e a voz crescia. Eu já sabia do eco e da reverberação. A voz do meu pai agigantava-se pelos montes fora e era afinada, tão segura quanto delicada.

---

<sup>5</sup> MÃE, Valter Hugo. Contos de cães e maus lobos. Ed.: Porto Editora, 2015.



A minha mãe cantava também, e eu ouvia e achava que o longe que ali víamos ficava mais perto assim. Porque lhe chegávamos pela voz, planado pela voz até os lugares menos nítidos da paisagem.

Mas era o silêncio que mais vivíamos. A deixar que fossem as plantas e os bichos a terem pelo vento partículas de conversas viajando.

Quando se vive num silêncio tão grande, a tomar conta de algo tão distante, aprende-se a ver melhor. Aprende-se a ver pela cor das coisas, pelo movimento e até pelos odores o que pode estar a acontecer.

Sabíamos sempre muito bem da tempestade, e distinguíamos muito bem a a tempestades das chuvas mais fracas e nunca nos enganávamos com os ventos frios de primavera, que eram passageiros e aqueciam se nos puséssemos ao sol.

Aprendemos a perceber como os rebanhos trepavam pelas encostas e sabíamos a quem pertenciam, ainda que fosse tão raro estarmos com outras pessoas. E, pelo movimento do rebanho e o tempo que levava a subir ou descer a encosta, percebíamos se estava maior ou mais pequeno, se a fome ou os negócios tinham obrigado ao abate do gado.

Era um trabalho muito difícil porque, enquanto vigiávamos algo num lugar, podia acontecer noutra o que o meu pai queria saber, e ele sempre perguntava o mesmo, se eu vira gente, quantas pessoas, se vinham a pé, se tinham carro ou motocicletas, se faziam barulho ou diziam palavras mais aos gritos e se eu havia ouvido o que diziam.

Eu tinha sempre dificuldade em separar o que não importava do que era fundamental para o nosso trabalho. Por isso, tanto memorizava coisas tolas como podia esquecer outras tão preciosas. O meu pai, no entanto, parecia ser paciente e ter tempo para esperar. Como se esperasse que o trabalho, num dado momento, estivesse completo para sempre e não precisarmos mais de viver ali, julgava eu.

Eu sabia que um dia teria de ir à escola, estava a chegar à idade e a minha mãe já tinha descido monte abaixo a avisar uns senhores de que era preciso que a carrinha das crianças fosse parar ao pé de nós.

Significava que eu teria de descer a nossa encosta por mais de meia hora até o carreiro e depois meia hora até à estrada onde a carrinha devia passar todos os dias a um momento certo.

A minha preocupação ali por aqueles dias, antes de ir estudar, era a de saber se o nosso trabalho não ia ficar descurado. Quem faria a minha parte de ver ao longe a medir os humores da paisagem?

O nosso cão pôs-se ainda mais esquisito, parecia entender alguma coisa e ladrava em meu redor a protestar ou a avisar-me não sabia eu de o quê.

A minha mãe enxotava-o a ver se ele ia brincar com a passarada. O pobre do bicho, como sempre vivera ali no pico do monte, tinha mais de céu dentro da cabeça do que de terra. Talvez julgasse que voava e que entre ele e os pássaros a diferença estava apenas na cor. Às vezes corria muito e dava uns saltos tão altos para os apanhar, até nós achávamos que o maluco do cão ia aprender a voar.

Preocupados ou não, os meus pais explicaram-me que o meu tempo de ir à escola era o mais importante de todos e que, dali em diante, seria esse o meu trabalho principal. Olhei para os nossos bancos. Olhei para longe e imaginei como mudariam as minhas tarefas, tanto me parecia que tinha ali tudo quanto precisava.

Quando a carrinha chegou, vinha com três crianças de lugares ainda mais afastados. Não foram, é claro, as primeiras crianças que vi, mas eu não estava

habitado a ter crianças por companhia. De todo o modo, nos montes, todos nós, mesmo antes da idade da escola, já tínhamos muito trabalho para fazer e brincar era quase uma ideia esquisita.

Na escola, sentados em mesas pequenas, com um caderno e um lápis para copiar letras e números, éramos oito alunos e a professora. Ela dizia-nos que a letra A pode ser linda, pode ser má, já se cá vê que há tal letra no que começa e no que finda.

A nossa professora, como vinha da cidade, explicava que por cada árvore do monte havia uma casa na cidade. E que, por cada pássaro ou insecto, havia gente nas ruas. Eu pensei que difícil seria o trabalho do meu pai, que tem de estar atento ao que fazem as pessoas pela paisagem, se tivesse uma paisagem de tanta gente.

Ainda havia sido uma sorte que nos tivesse calhado viver no cimo de um monte tão especial e ter por tarefa ver ao longe e tomar conta de um tão grande sossego.

Um dia, pediu-nos a professora que falássemos sobre o nosso trabalho. Nós, as crianças que, entre os lápis e cadernos mais as brincadeiras de recreio, ainda voltávamos a casa na carrinha, com a pressa possível, para ajudarmos os nossos pais.

Eu expliquei como me sentava nos bancos, virado ora para sul, ora para norte, e expliquei que a paisagem mudava de cores e movimentos, tinha ruídos grandes e outros discretos e que havia que saber para onde olhar. Depois, expliquei que o mais importante era perceber o que acontecia longe, lá onde ficavam os montes mais isolados e aonde quase ninguém ia. O meu pai dizia que se houvesse o azar de um incêndio nesses montes podia arder quase o mundo inteiro, porque o tempo seria pequeno para trazer água antes que o fogo alastrasse.

Expliquei à professora que na sala de aula tudo era perto e que nada se distanciava de nada como nos montes da paisagem. Mas a professora negou. Disse-me que o rosto de cada um também era imenso como a paisagem e, visto com atenção, tinha distâncias até infinitas que importava tentar percorrer.

Nesse dia voltei da escola como se tivesse a tampa da cabeça aberta e os pensamentos me fugissem para o vento.

Pus-me a olhar para o meu pai a ver se no seu rosto havia algo que se comparasse ao afastado dos montes, o verde mudando, as encostas apenas cobertas pela luz do sol, o arvoredo como um tapete que parece rasteiro.

Pus-me a olhar para o rosto do meu pai à procura do que fosse distante, quando parecia que o rosto de uma pessoa tinha tudo tão à flor da pele.

Quando o nosso cão parou de ladrar, trouxe-o para junto de mim e encarei-o atento. Com a excepção da distância do nariz em relação aos olhos, eu não sabia como entender o que me dissera a professora nem havia nada de paisagem na expressão de alguém.

Mas a professora sabia melhor do que eu e decidiu sentar-me na escola no sentido contrário ao dos meus colegas. Sentou-me na sua mesa, enquanto ela andava a pé a escrever e a apagar coisas no nosso quadro.

Fiquei de frente para as sete crianças que estudavam comigo. Sete rostos que, com mais ou menos sono, maior ou menor fome, acatavam os ensinamentos da professora como podiam.

Subitamente, enquanto fazia também as minhas letras – e eu desenhava já muito bem todas as vogais -, percebi que uma menina se distraíra a ver nada. Via

nada como se fosse alguma coisa. Tinha o rosto parado e apontado para o tecto e, embora de olhos abertos, ficava estranha, como se adormecida. O rosto dela, ali todo à flor da pele, pareceu-se realmente com o distante da paisagem. Veio à sua expressão uma lonjura que impossibilitava, a quem a visse, perceber com nitidez o que lhe passava no seu pensamento.

Percebi que para dentro de nós há um longo caminho e muita distância. Não somos nada feitos do mais imediato que se vê à superfície. Somos feitos daquilo que chega à alma e a alma tem um tamanho muito diferente do corpo.

Percebi que ver verdadeiramente uma pessoa obriga a um esforço como o de estarmos sentados nos nossos bancos a tomar conta do que passa pelos montes. Percebi que ver verdadeiramente uma pessoa também é como prevenir os fogos, como fazia o meu pai que, afinal, era guarda-florestal.

O rosto é mais turvo do que os céus e pode ser muito mais complexo do que saber exactamente de quem é um rebanho e se cresceu ou diminuiu. O rosto começa onde se vê e vai até onde já não há luz nem som. Por isso, por mais que observemos, ainda muita coisa nos há-de escapar e o importante é que estejamos tão atentos quanto possível para nos conhecermos uns aos outros.

Conheci melhor o meu pai. Conheci melhor a minha mãe. Até conheci melhor o nosso cão, que era mesmo maluco, porque lho via no rosto e tudo. Entendi que o rosto é extenso e infinito, capaz de expressões que vamos conhecendo e outras que nunca vemos. Toda a vida precisamos de estar atentos, se assim não fizermos vamos perder muito do mais importante que acontece em nosso redor. Como se houvesse um incêndio mesmo diante de nós e nem sequer o percebêssemos antes que restem todas as coisas completamente queimadas.

## ATIVIDADE INTRODUTÓRIA DE RECEPÇÃO DO TEXTO

### ATIVIDADE I: Contextualizando o leitor

O professor solicita aos alunos que sentem em círculo. Logo após escreve no quadro negro o título *O rosto*. Em seguida, distribui pedaços de papel em branco e solicita que cada aluno escreva o que imagina tratar-se este conto, a partir do título.

As hipóteses escritas pelos alunos nos respectivos papéis serão coladas em uma cartolina trazida pelo professor, onde também escreverá o título do conto.

Após, o professor afixa a cartolina no quadro negro e solicita que os alunos retornem aos seus lugares.

## INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO TEXTUAL

### ATIVIDADE II: Identificando o tema

O professor distribui o texto aos alunos e solicita que realizem a leitura silenciosa. Em seguida realiza a leitura oral com os alunos.

Após o professor estimula os alunos a identificar o tema do conto, comparando com as hipóteses anteriormente registradas por eles na atividade introdutória.

Esta atividade é feita oralmente.

O professor orienta os alunos a realizar as atividades de exploração do texto.

### ATIVIDADE III: Desvendando o processo de narração e compreendendo a narrativa

O professor entrega aos alunos uma folha com as seguintes atividades propostas:

- 1) As ações de uma narrativa podem ser contadas sob diferentes pontos de vista. Marque a alternativa correta quanto ao narrador do conto:  
sendo
- (      ) o narrador relata ações que foram vividas por outras personagens, ele apenas um observador dos fatos.
  - (      ) o narrador relata uma história de que faz parte como protagonista.
  - (      ) o narrador relata uma história de que faz parte, cujo protagonista é seu criado.

- 2) Considerando os efeitos produzidos no leitor, assinale as alternativas que caracterizam o modo de narrar:
- (      ) detalhamento
  - (      ) imprecisão
  - (      ) lentidão narrativa
  - (      ) visibilidade
  - (      ) apelo sensorial

Converse com seu colega sobre como percebeu esses efeitos da escrita do conto. Após, compartilhe com o grupo.

- 3) Entre os enunciados abaixo, escolha aquele que **não** corresponde ao efeito decorrente da opção por um narrador que é o protagonista da história:
- (      ) o leitor assume a condição de ouvinte da narração ou de confidente do narrador.
  - (      ) a personagem narradora mostra-se incapaz de presentificar os momentos vividos.
  - (      ) o leitor tem a impressão de estar junto ao narrador, assistindo aos eventos narrados.
  - (      ) a narração ganha maior vivacidade, porque a história é representada sem intermediários.

- 4) Responda ao que se pede.  
Pelas pistas textuais, infira:

- a) Que posição social e que tipo de conhecimento o narrador apresenta:

---

---

---

- b) Em que situação ele estava no momento em que soube que teria que ir à escola?

---

---

---

5)Atividade em duplas - coloque as frases em ordem de acordo com a cronologia dos fatos. Discutir com o grupo a ordem dos fatos.

Quando o nosso cão parou de ladrar, trouxe-o para junto de mim e encarei-o atento.

Um dia, pediu-nos a professora que falássemos sobre o nosso trabalho.

Fiquei de frente para as sete crianças que estudavam comigo.

A voz do meu pai agigantava-se pelos montes fora e era afinada, tão segura quanto delicada.

Aprende-se a ver pela cor das coisas, pelo movimento e até pelos odores o que pode estar a acontecer.

O que era o mesmo que não precisarmos mais de viver ali, julgava eu.

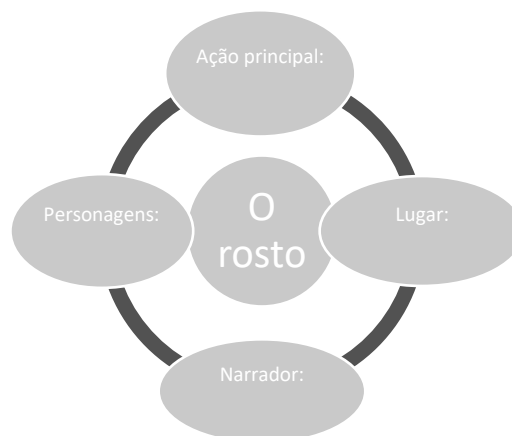
O rosto dela, ali todo à flor da pele, pareceu-se realmente com o distante da paisagem.

Entendi que o rosto é extenso e infinito, capaz de expressões que vamos conhecendo e outras que nunca vemos.

Mas era em silêncio que mais vivíamos.

Quem faria a minha parte de ver ao longe a medir os humores da paisagem?

6)Complete o esquema com informações do conto:



7) Responda à questão abaixo a partir do seguinte excerto.

“Durante muitos anos, vivemos sozinhos no cimo de um monte onde apenas estava a nossa casa, doze árvores e muitos pássaros. Tínhamos um cão e ele gostava de ladrar só de estar feliz, ou então era um bocado maluco, porque ladrava sem motivo enquanto fazíamos o nosso trabalho”.

a) Como o narrador se sente no local em que vive? Justifique sua resposta.

---

---

---

8) Desde o primeiro parágrafo, a narração visa criar um ambiente bucólico, simples.

a) Em que momento do dia acontecem as ações? Justifique.

---

---

---

b) Em que lugar as ações ocorreram? Como é esse lugar?

---

---

c) Como é a sala de aula em que o narrador foi estudar?

---

---

---

9) No final do último parágrafo da história contada, lemos:

“Entendi que o rosto é extenso e infinito, capaz de expressões que vamos conhecendo e outras que nunca vemos. Toda a vida precisamos de estar atentos, se assim não fizermos vamos perder muito do mais importante que acontece em nosso redor. Como se houvesse um incêndio mesmo diante de nós e nem sequer o percebêssemos antes que restem todas as coisas completamente queimadas.”

a) Por que o narrador acredita que só agora entende a extensão do rosto? Comente.

---

---

---

b) Qual é o fato relevante ocorrido nesse trecho?

---

---

---

### ATIVIDADE V: Desvendando o rosto

1) Releia este trecho:

“ O rosto começa onde se vê e vai até onde já não há luz nem som. [...] Conheci melhor o meu pai. Conheci melhor a minha mãe. Até conheci melhor o nosso cão [...].”

a) O vocabulário utilizado pelo narrador ajuda a criar uma atmosfera de certeza no que antes era desconhecido, pairava a dúvida, faltava o entendimento, na narrativa. Que palavras utilizadas neste trecho afirmam isso? Escreva-as nos retângulos abaixo.


2) Encontre no caça-palavras abaixo 6 (seis) adjetivos que **não se referem** ao ambiente bucólico, pastoril, em que o narrador vivia com seus pais e o seu cão.



### ATIVIDADE VI: Conhecendo rostos

1) Fotografe um familiar próximo. Cole a foto em uma folha A4 e descreva-o, para além do rosto.

## CONSTRUÇÃO TEXTUAL

### ATIVIDADE VIII: Recontando a história a partir de outro ponto de vista

O ponto de vista do narrador é fundamental para que tenhamos certa percepção dos fatos de uma história. A alteração do ponto de vista pode gerar uma história nova e completamente diferente da original.

O conto *O rosto* é narrado em 1ª pessoa pelo protagonista. Reconte-o, substituindo o narrador-protagonista por outro tipo de narrador. Esse narrador pode ser um dos personagens citados na história original, ou ainda, um narrador em 3ª pessoa.

## INTERAÇÃO COM OUTROS GÊNEROS TEXTUAIS E OUTRAS ÁREAS

### ATIVIDADE IX: Retratos e autorretratos

1) Leia o poema a seguir.

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,  
Assim calmo, assim triste, assim magro,  
Nem estes olhos tão vazios,  
Nem o lábio amargo.  
Eu não tinha estas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.  
Eu não dei por esta mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil:  
Em que espelho ficou perdida a minha face?

Fonte: MEIRELES, Cecília. Viagem: poesia - 1929-1937.  
Lisboa: Ed. Império, 1939.

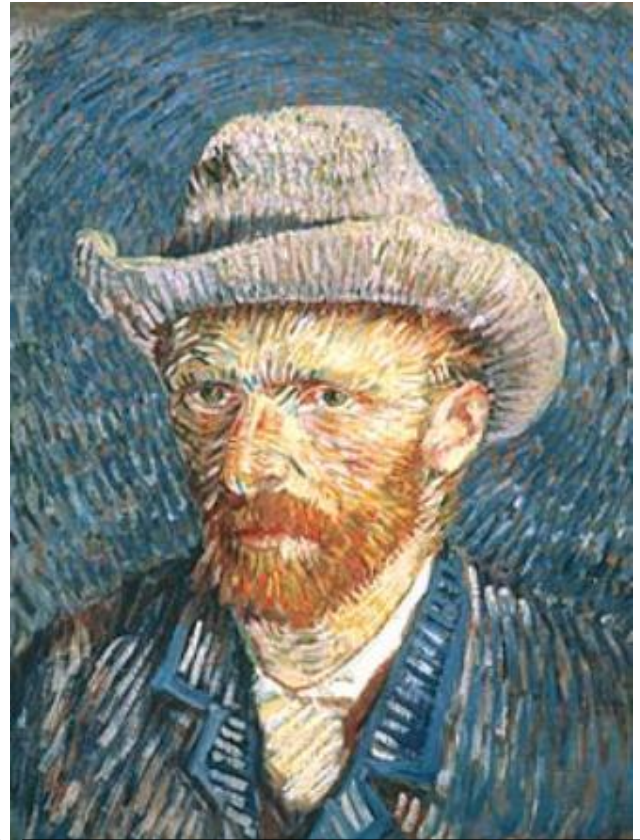
Apresentar aos alunos alguns autorretratos para que conheçam melhor o gênero.





**Tarsila do Amaral**

Fonte: disponível em: <http://fotolog.terra.com.br/tarsilaamaral:6>.  
Acesso em: 05 out 2018.



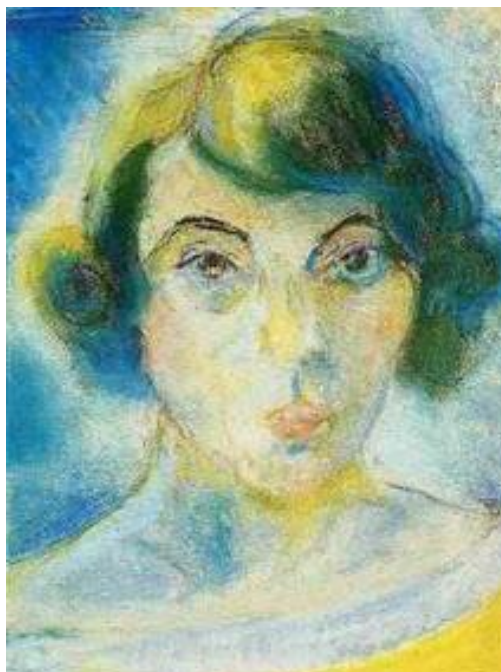
**Van Gogh**

Fonte: disponível em: <http://perseu-e-medusa.blogspot.com/2007/09/gneros-de-pintura-auto-retrato.html>.  
Acesso em: 21dez 2018.



**Frida Kahlo**

Fonte: disponível em: <http://perseu-e-medusa.blogspot.com/2007/09/gneros-de-pintura-auto-retrato.html>.  
Acesso em: 21dez 2018.



**Anita Malfatti**

Fonte: disponível em: <http://perseu-e-medusa.blogspot.com/2007/09/gneros-de-pintura-auto-retrato.html>.  
Acesso em: 21dez 2018.

is. Qual os?

- 2) O conto se refere aos rostos que muitas vezes passam despercebidos ao olhar da maioria. Sabe-se que o autorretrato é um gênero na pintura ou na fotografia no qual se deseja representar a imagem de uma pessoa. Historicamente, somente os mais ricos e poderosos eram pintados em retratos, porém, ao longo do tempo, essa prática tornou-se mais comum e acessível para todas as pessoas. Com o advento da Internet foi disseminado como *selfie*.

Ao longo da história, muitos foram os pintores retratistas e muitas foram as pessoas retratadas. Faça uma pesquisa na Internet sobre os retratos mais famosos e seus respectivos pintores. Mencione aquele que você achou mais interessante e justifique a sua resposta.

---

---

---

---

---

Agora, faça uma busca na Internet a fim de visualizá-lo.

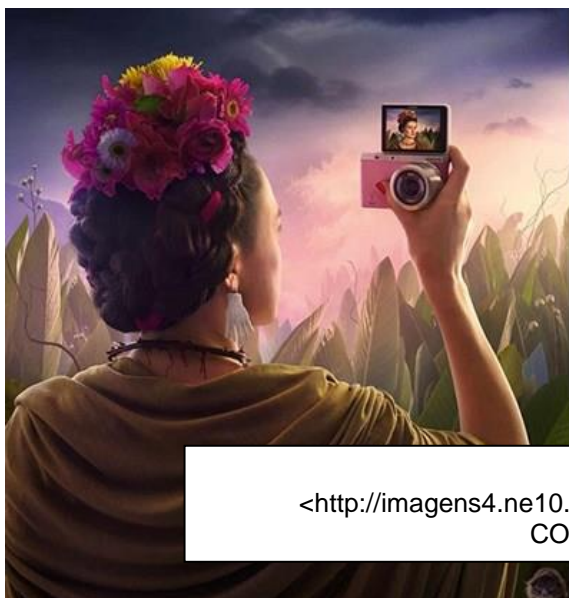
## ATIVIDADE X:

### Propaganda Samsung: “Para autorretratos, não para selfies”.

a.) Apresentar as imagens abaixo aos alunos, bem como explicar sobre a propaganda.

Fonte: disponível em: <<http://laorquesta.mx/te-imaginas-a-frida-kahlo-tomandose-una-selfie-samsung-si/>>.

Acesso em: 21 dez 2018.



Fonte: disponível em:

<<http://imagens4.ne10.uol.com.br/blogsne10/mundobit/uploads/2014/12/PINTURA-CORTADA2.jpg>>. Acesso em: 21 dez 2018.



Fonte: disponível em:

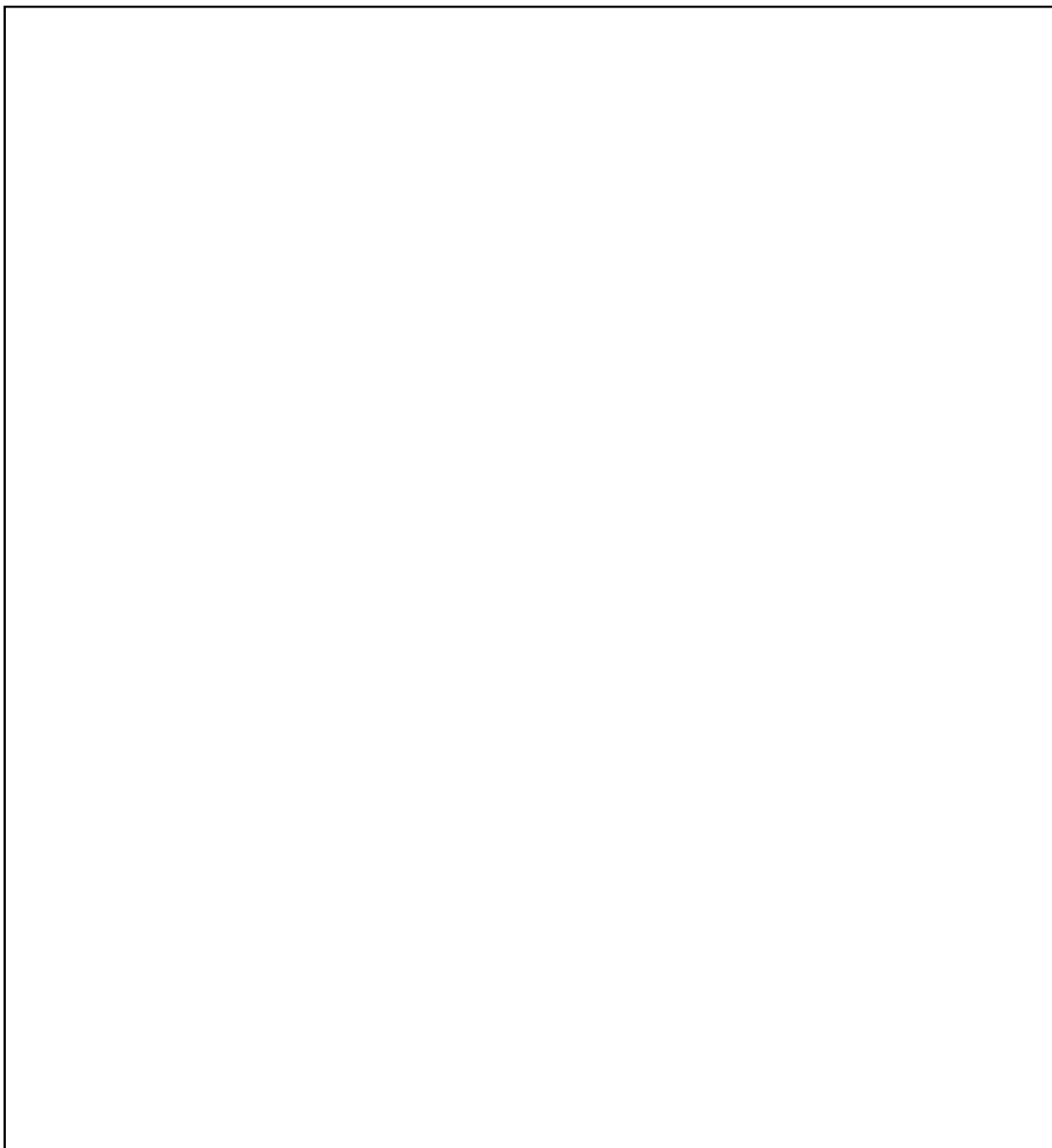
<<http://imagens4.ne10.uol.com.br/blogsne10/mundobit/uploads/2014/12/PINTURA-CORTADA.jpg>>.

Acesso em: 21 dez 2018.



**b.)** Qual é a relação do rosto do conto com as selfies que expomos nas redes sociais? Essas selfies condizem com a realidade do que as pessoas que as expõem estão sentindo?

**c.)** Agora, faça um autorretrato pintado e um escrito.

A large empty rectangular box with a thin black border, intended for the student to draw a painted self-portrait and write a reflection on it.